

Acto de Verão

Paulo M. F. Cunha

Doutorando na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,

Investigador do CEIS20/UC

paulomfcunha@gmail.com

Aquele querido mês de Agosto (2008, Portugal/França, 150 minutos)

Realizador: Miguel Gomes

Argumento: Miguel Gomes, Mariana Ricardo e Telmo Churro

Director de Som: Vasco Pimentel

Arranjos Musicais: Mariana Ricardo

Montagem: Telmo Churro e Miguel Gomes

Director de Fotografia: Rui Poças

Produtores: Luís Urbano e Sandro Aguilar

“No coração de Portugal, serrano, o mês de Agosto multiplica os populares e as actividades. Regressam à terra, lançam foguetes, controlam fogos, cantam karaokê, atiram-se da ponte, caçam javalis, bebem cerveja, fazem filhos. Se o realizador e a equipa do filme tivessem ido directamente ao assunto, resistindo aos bailaricos, reduzir-se-ia a sinopse: “Aquele Querido Mês de Agosto acompanha as relações sentimentais entre pai, filha e o primo desta, músicos numa banda de baile”. Amor e música, portanto. Documentário? Ficção? A meio deste filme vemos uma ponte: a ponte romana de Coja sobre o rio Alva, da qual se atira Paulo “Moleiro”. Sem querer parecer Confúcio, diria que de qualquer uma das margens que esta ponte une se avista perfeitamente a outra. E que o rio é sempre o mesmo.”

Miguel Gomes

A Rodagem de *Aquele querido mês de Agosto* estava prevista para Agosto de 2006. Contudo, cerca de um mês e a meio antes, dificuldades financeiras adiam o início da rodagem por tempo indeterminado. Pragmático, o realizador pede ao produtor uma câmara de 16 mm

e uma equipa mínima para captar *in loco* imagens das festas religiosas e populares que acontecem na Beira Interior.

O material captado, depois de trabalhado nos laboratórios em Lisboa, levou a uma reescrita do argumento e a alterações radicais na forma do filme. O resultado final foi apresentado no Festival de Cannes (21 de Maio de 2008) e teve estreia comercial em Portugal precisamente três meses depois. Em exibição comercial em território nacional, o filme foi visto por cerca de 25 mil espectadores.

Contexto

O filme inicia-se com imagens de bailaricos populares e de procissões religiosas. A acompanhar as imagens apenas relatos em *off* que contam histórias passadas sobre as imagens projectadas.

Estas imagens foram captadas de forma bruta durante o mês de Agosto de 2006. Com uma equipa pequena – director de som, director de fotografia mais dois elementos – o realizador foi filmando “tudo aquilo que lhe parecesse digno de registo, comprometendo-se a reformular a ficção em conformidade”.

As histórias que se ouvem são verídicas no sentido em que os seus protagonistas as relatam como acontecimentos ocorridos nas suas próprias vidas. Contadas na primeira pessoa, estas histórias tentam fornecer dados documentais sobre a realidade das aldeias do Portugal profundo, desde os bailaricos pagãos às procissões de grande devoção católica, dos heróis aos anti-heróis locais, dos hábitos sociais aos problemas do quotidiano.

As sequências do casal na adega que contam as histórias de “faca e alguidar” dos vizinhos, dos amigos que conversam na entrada da taberna, dos motards e dos imigrantes que invadem a pequena aldeia, dos diversos músicos populares, do flagelo dos incêndios florestais, dos relatos de vivência dos simples habitantes da aldeia servem de fundo contextual para percebermos – mais à frente – algumas sequências importantes na trama final.

O papel da música é fundamental no processo de construção do filme. A transcrição das letras no ecrã aquando das interpretações musicais pretende ouvir – ou ler – estas músicas sem preconceitos. O diá-

logo final entre realizador e director de som é, para além de hilariante, exemplar para a escolha do universo da música ligeira como pano de fundo para este melodrama tragicómico do Portugal profundo de início do século XXI.

Esta parte encerra a fase dita documental do filme. Tudo o que aqui se relata e mostra é a estrutura social e cultural na base da qual foi pensado o argumento inicial e concebida a versão final do filme.

Pretexto

A chegada de um jipe em alta velocidade dá arranque à segunda parte do filme. É o produtor que chega para pedir explicações à equipa técnica que, sem resultados visíveis, prolonga a sua estadia fazendo disparar o orçamento. A câmara persegue o director de som Vasco Pimentel na recolha dos sons ambiente da região, acompanha o processo de casting de figurantes e actores, a escolha dos *sets* e a reacção da população local.

Para além de acompanhar a equipa técnica, é no pretexto que o realizador e o produtor caracterizam física e psicologicamente as personagens para os actores que procuram.

O pretexto serve também para justificar a escolha dos actores e das suas histórias verídicas. É na longa conversa entre dois dos principais figurantes que ficamos a saber que eram estes figurantes que, em *off*, contavam as suas histórias verídicas no contexto e mostram a sua ligação à aldeia.

O pretexto acompanha também o processo de selecção do trio protagonista: actores amadores, recrutados no local de filmagens, com raízes sócio-culturais semelhantes às personagens idealizadas pelo realizador.

Esta fase parece completamente encenada. Se o contexto é a estrutura, este pretexto é a conjuntura do projecto.